

Índice

Mapa	10
Capítulo 1 A Nascente	13
Capítulo 2 Estepes	36
Capítulo 3 O Tratado	62
Capítulo 4 O Shilka	89
Capítulo 5 A Fortaleza Perdida	106
Capítulo 6 A Cidade da Anunciação	134
Capítulo 7 O Rio do Dragão Negro	170
Capítulo 8 Khabarovsk	213
Capítulo 9 A Cidade da Alvorada	239
Capítulo 10 A Promessa	271
Agradecimentos	309
Notas de Tradução	311

A Nascente

Através do coração da Ásia, na antiga convergência da estepe e da floresta, as pradarias da Mongólia estendem-se em direção à Sibéria num mar verde-acinzentado.

O silêncio do lugar é praticamente imperturbável. Quase não é habitado. Na sua extensão mais longínqua, perto da fronteira russa, cerca de treze mil quilómetros quadrados estão interditos aos viajantes. Estas montanhas, outrora a pátria de Gengis Khan, são atualmente uma região deserta e bravia quase sagrada. O caminho solitário que conduz até lá termina numa barreira e num alojamento de guardas-florestais. E aqui aguardamos — um guia, dois homens a cavalo e eu — para entrarmos numa região que nenhum de nós conhece verdadeiramente.

Algures nas profundezas desta terra remota nasce um dos rios mais formidáveis da Terra. Drena uma bacia com o dobro do tamanho do Paquistão, e mais de duzentos afluentes, alguns deles imensos, lançam-se na sua corrente transbordante na primavera. Ao longo de mais de cerca de mil e seiscentos quilómetros, forma a fronteira entre a Rússia e a China: uma falha geológica envolta em antiga desconfiança.

O Amur é ardiloso. Até a origem do seu nome é obscura. Para o Ocidente, o rio parece inacessível e remoto, e poucas foram as

pessoas que sequer ouviram falar dele. Existem estimativas muito diferentes da sua extensão, classificando-o como o décimo ou mesmo o oitavo rio mais longo do mundo. A sua costa chinesa quase nunca foi visitada, ao passo que o arame farpado e as torres de vigia sombreiam as margens russas de ponta a ponta na fronteira mais densamente fortificada do mundo.

Passa um dia, e depois uma noite, enquanto esperamos para atravessar estas montanhas proibidas. Os guardas-florestais deste território, denominado área estritamente protegida de Khentii, mostram-se relutantes em deixar-nos passar, embora eu tenha licenças concedidas pelo agente de confiança que teve um encontro com o meu guia e homens a cavalo. Sou invadido por uma primeira sensação de inquietude. As nossas três tendas, montadas na relva dos prados, estão a começar a parecer lúgubres, e a euforia de iniciar a nossa aventura — a emoção visceral, o formigamento de apreensão —, a desabar no receio de que nunca a possamos iniciar de todo. À noite, sou despertado pelos nossos cavalos a cortar a relva junto à minha tenda. É aquela hora em que a mente se torna sombria; e, de repente, a ideia de seguir um rio de quatro mil quinhentos e quarenta e oito quilómetros (a estimativa favorecida), no seu percurso pelo Sudeste da Sibéria, depois ao encontro da China e, a seguir, rumo ao Pacífico, parece pouco mais do que uma fantasia.

Abro a aba da tenda para a obscuridade fria e recupero o fôlego. A minha sombra cai negra sobre a relva. Acima da minha cabeça, a noite resplandece com estrelas e através desse imenso céu mongol a Via Láctea move-se numa torrente gelada de luz.

O amanhecer dissemina o brilho fino de outro planeta. O mundo parece ainda imaculado. Nas distâncias que nos rodeiam, o sol faz erguer uma névoa resplandecente sobre as pradarias cobertas de orvalho. É como se um grande fogo estivesse a arder sobre as planícies. Durante algum tempo, obscurece as colinas que orlam a linha do horizonte, depois a sua névoa dissolve-se como se a tivéssemos imaginado. O ar torna-se mais

quente. Pequenas traças diurnas erguem-se das ervas, onde cantores invisíveis cantam, e o ar enche-se com o estalido e o zumbido dos gafanhotos. Caminhar aqui é percorrer uma maré de flores silvestres: ásteres e gencianas multicoloridas, potentilhas da cor da manteiga, columbinas de um azul-pavão. Em encostas mais distantes, faixas de *edelweiss* fustigadas pelo vento cobrem uma extensão de vários quilómetros de uma palidez gelada.

É então que os homens a cavalo emergem, com os seus pesados sobretudo *deel*¹ nativos, com as adagas presas aos cintos, para verificar as correias das nossas montadas. A manhã vai bem avançada quando os guardas-florestais aparecem. Aproximam-se das nossas tendas em motocicletas, com as suas botas tamanho XL e as faixas de cabeça ao modo dos piratas. Transportam pequenas pastas. Batmonkh, o meu guia, natural da capital da Mongólia, diz que se sentem importantes porque o primeiro-ministro chegou aqui em peregrinação a Burkhan Khaldun, a montanha sagrada de Genghis Khan. Mas eles permanecem connosco durante muito tempo, comendo os nossos biscoitos e escrutinando os nossos documentos. O país que se estende diante de nós é perigoso, dizem, e quase intransitável. O afluente mais distante do Amur, o rio Onon, nasce em pântanos remotos, e as monções tinham sido fortes nesse verão. Agora, em finais de agosto, o solo está inundado e é traiçoeiro. E há ursos. Assim que estivermos dentro da reserva, estaremos fora do alcance de qualquer tipo de ajuda.

Batmonkh escuta-os sem interesse. Explica que eles não gostam de intrusos nas suas terras. Não consigo compreender uma palavra do que dizem, limito-me a ansiar silenciosamente que não nos impeçam. Por vezes, Batmonkh deambula desdenhosamente, enquanto os guardas-florestais vêm e vão, e os nossos cavaleiros riem-se deles com o desprezo pela burocracia dos homens livres. Por fim, os guardas-florestais apresentam-nos um documento para assinarmos, absolvendo-os de qualquer responsabilidade, e finalmente partem, pulando sobre as estepes

nas suas motos chinesas, depois de terem lavado as suas mãos da nossa sorte.

Devíamos ter-lhes dado ouvidos, é claro.

Pela última vez antes de partirmos, o céu assoma ameaçador e mais vasto e inquieto do que as planícies. De um extremo ao outro do horizonte parece afundar-se para lá da curvatura da Terra, e acima de nós dissemina um panorama de nuvens discordantes. De um lado, não passam de meros fragmentos de neblina, do outro uma armada de cúmulos desenrola-se até ao infinito.

Por um momento, detemo-nos no limite da reserva; no instante seguinte, estamos a mover-nos por entre a vegetação rasteira, seguindo o rio Kherlen onde ele desce vindo da sua bacia hidrográfica a leste. As encostas começam já a tornar-se mais escarpadas e a obscurecer na floresta. Um cuco tardio marca a sua presença. Meio inconscientemente, estamos a atravessar a divisão entre os prados eurásianos e a taiga siberiana, o odor das flores silvestres esmagadas a desvanecer-se sob os cascos dos nossos cavalos, e todos nos sentimos eufóricos com a nossa libertação.

Mas no espaço de pouco tempo o terreno torna-se mais encharcado. Por vezes, os cavalos debatem-se em águas pantanosas que ainda fluem. Em dado momento, de modo ominoso, o solo debaixo do cavaleiro líder cede, e o seu garanhão — um belo ruão — colapsa num buraco de lama, e sai de lá com dificuldade enquanto o homem volta a montar.

Ao início da tarde estamos a cavalgar por colinas acima do rio. Os busardos planam baixo sobre o pântano. Ao longo de quilómetros atravessamos bosques cerrados de bétulas atrofiadas, enquanto os lariços descem as encostas das montanhas como um exército invasor e se infiltram nos vales. Os únicos sons são os nossos. À medida que o ar se torna mais cortante, sinto quanto o caminho que seguimos é profundamente remoto, e experimento uma velha excitação perante a entrada noutra país.

O meu cavalo é um garanhão de doze anos que não tem nome. Para os cavaleiros é simplesmente «o Cavalo Branco»; qualquer outro nome seria sentimental. Ele é forte e tem cicatrizes. Avançamos numa cavalgada irregular de nove elementos, com as nossas tendas e a comida amarradas a cinco cavalos de carga. Estas bestas são fortes e resplandcentes depois do pasto de verão, não as criaturas doentes do fim do inverno. De pernas curtas e cabeça grande, descendem dos incansáveis cavalos da conquista mongol, capazes de galopar dez quilómetros sem parar, e cavalgamo-los à maneira mongol, com as pernas dobradas para trás a partir dos joelhos em estribos curtos. Os cavaleiros estão no início dos seus quarenta anos, são pastores e caçadores, com os rostos maltratados pelo vento, os corpos esguios reduzidos a pele e osso. Também eles parecem ser incansáveis.

Contudo, o antigo *habitat* dos seus antepassados não era a estepe, mas a floresta, da qual emergiram pela primeira vez há milénios, e durante muito tempo a nossa própria transição é acidentada, onde as encostas cobertas de relva ainda se misturaram com a floresta à medida que retrocedemos no tempo, e as batidas dos primeiros cascos nómadas desvanecem-se no silêncio da floresta.

Com o cair da noite surge a primeira indicação de problemas. Um dos nossos cavalos de carga ainda não está cansado, e a sua energia selvagem perturba os outros. À nossa frente, em bosques de vegetação rasteira, começam subitamente a empurrar-se uns aos outros e a colidirem entre si; depois soltam-se das guias, e três deles lançam-se numa corrida desenfreada pelo caminho de onde tinham vindo, com os olhos esbugalhados de pavor e os cavaleiros no seu encalço.

Batmonkh e eu amarramos o último par às árvores jovens e aguardamos. Tenho a sensação de que esperamos horas. Quando os cavaleiros regressam com as suas cargas, descobrimos que o palomino recalcitrante lançou ao chão a sua bagagem, que agora jaz aglues — em qualquer parte da floresta — ao nosso redor.